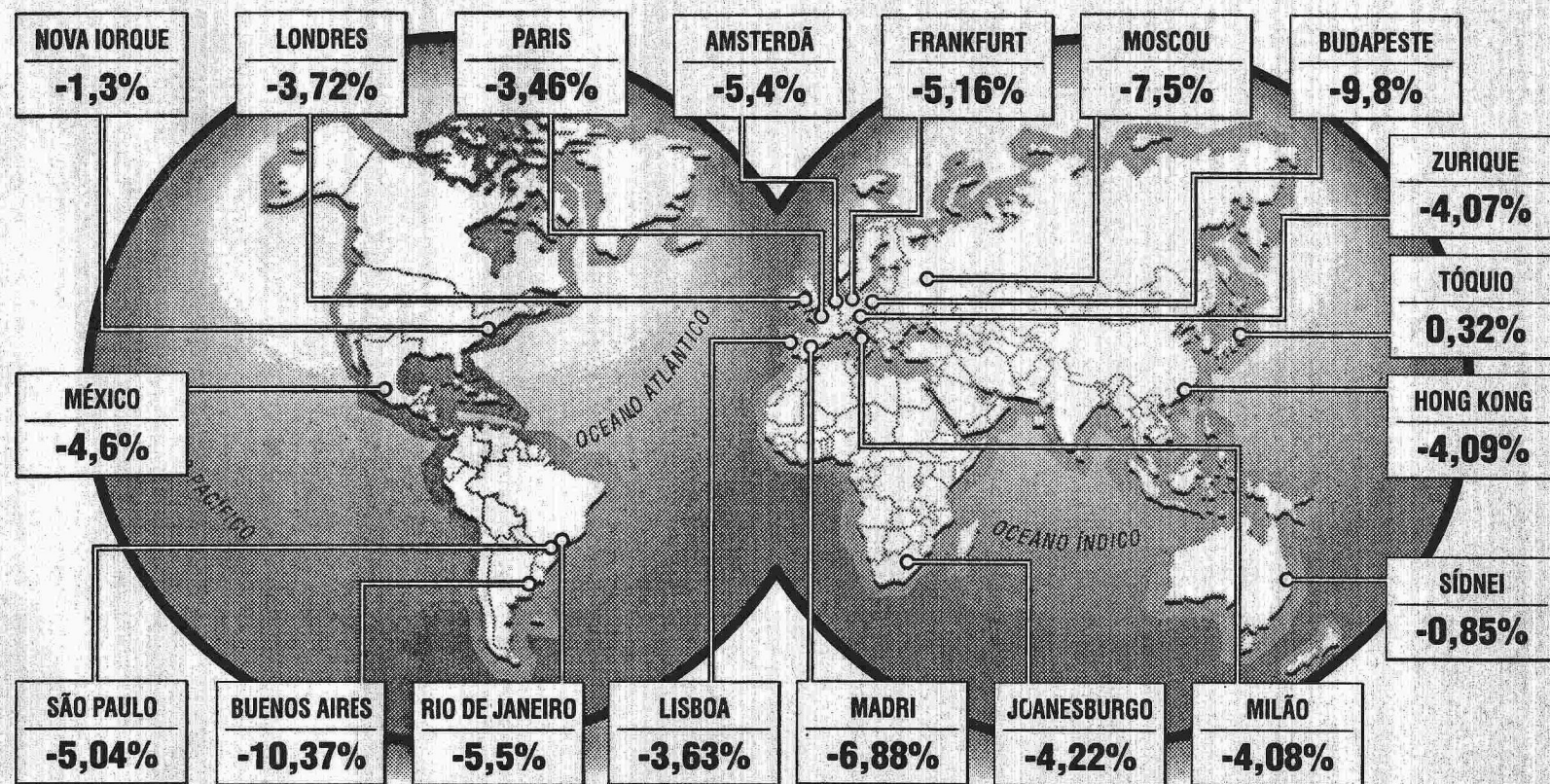


Montanha russa mundial



Na Europa, bancos lideram quedas

FERNANDO EICHENBERG

Especial para o JB

PARIS – As turbulências registradas ontem no Brasil repercutiram fortemente na Europa. Por um lado, nem a esperada desvalorização do real ou a queda do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, considerada lógica por ser ele o maior responsável pela estabilidade da moeda, surpreenderam os analistas europeus. Por outro, os índices negativos das principais bolsas européias refletiram o temor de uma falência da economia brasileira e uma eventual contaminação dos demais países da América Latina. Em Londres, Frankfurt e Paris, a queda chegou a rondar os 6% durante as sessões.

As perdas foram amenizadas até o final do dia: a Bolsa de Londres fechou em -3,72%, e Paris em -3,46%. A maior queda foi registrada em Madrid, onde a bolsa encerrou em -6,88%. O tombo na Bolsa de Frank-

furt foi assinalado pelo índice de -5,16%. Em Amsterdã (-5,40%), a sessão chegou a ser interrompida devido às últimas notícias provenientes da América do Sul.

Bancos lideraram baixas – Os bancos e grupos empresariais com interesses no Brasil ocuparam, obviamente, o topo na relação dos índices negativos do dia. Os papéis da Telefonica, maior investidor espanhol no Brasil, amargaram uma queda de 7,2%. As ações dos bancos BBV e Santander perderam -13,54% e -12,01%, respectivamente. Instituições bancárias inglesas também foram afetadas: o Lloyds terminou o dia com -5,67%, o HBSC, -7,42%, e o Standard Chartered, -10,05%.

A crise brasileira praticamente enterrou os ganhos do ano da Bolsa de Paris, em euforia crescente desde a implantação do euro. Os maiores perdedores do dia foram também aqueles com grandes investimentos no Brasil, como Carrefour (-7,33%),

Peugeot (-4,02%), Alcatel (-5,53%), Accor (-3,12%), Rhône-Poulenc (-4,42%) ou Renault (-8,63%). Os bancos franceses que mais haviam progredido desde o início do ano tiveram igualmente suas baixas: BNP (-6,78%), Société Générale (-7,62%), Paribas (-4,28%) e Crédit Lyonnais (-3,95%).

Os ministros de Economia dos países do G-7 entraram em contato por telefone ou fax tão logo anunciadas as novidades brasileiras e suas repercussões. Seus representantes deverão abordar a nova realidade brasileira na reunião prevista para esse sábado, em Frankfurt. O encontro servirá para preparar a próxima reunião do grupo financeiro do G-7, prevista para 20 de fevereiro, em Bonn, também na Alemanha.

Francos no noticiário – Normalmente ausente da mídia européia, o Brasil foi assunto constante ontem dos principais noticiários. No telejornal das 20h da TF1, o de

maior audiência na França, a crise brasileira teve direito a um registro seguido de uma longa entrevista ao vivo, no estúdio, com o primeiro ministro Lionel Jospin. Em Bonn, o ministro da Economia alemão, Oskar Lafontaine, se recusou a comentar a crise brasileira durante uma entrevista coletiva.

Além de informar sobre as variações no mercado financeiro, a mídia se preocupava também em esclarecer a diferença entre os dois Francos envolvidos nos distúrbios brasileiros. O governador Itamar Franco era apresentado como o precipitador do pânico sentido no dia de ontem. Em declarações esparsas, especialistas europeus descartaram, por enquanto, o temor de uma crise de proporções maiores, embora admitam a possibilidade de novos estragos. As bolsas européias, é certo, abrirão hoje na expectativa das variações da escala Richter na crise brasileira.